

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**TANIA MARI DAMIAN**

**NUNCA ME SONHARAM: ESTUDO DO DOCUMENTÁRIO À LUZ DO  
CONCEITO DE PROFECIA AUTORREALIZADORA E ESTIGMA**

**FLORIANÓPOLIS  
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TANIA MARI DAMIAN

**NUNCA ME SONHARAM: ESTUDO DO DOCUMENTÁRIO À LUZ DO CONCEITO  
DE PROFECIA AUTORREALIZADORA E ESTIGMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Vieira de Souza.

Florianópolis  
2018

TANIA MARI DAMIAN

**NUNCA ME SONHARAM: ESTUDO DO DOCUMENTÁRIO À LUZ DO  
CONCEITO DE PROFECIA AUTORREALIZADORA E ESTIGMA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e adequado para a obtenção do Título de “Pedagoga” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro de Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Pedagogia.

Florianópolis, 20 de junho de 2018

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup> PATRÍCIA LAURA TORRIGLIA  
COORDENADORA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**Banca examinadora:**

Orientadora: \_\_\_\_\_  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SIMONE VIEIRA DE SOUZA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Membros:

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ANA PAOLA SGANDERLA  
(Membro Titular)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARCIA DE SOUZA HOBOLD  
(Membro Titular)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA ISABEL BATISTA SERRÃO  
(Membro Suplente)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Florianópolis, 2018

*Dedico este trabalho a minha família com todo meu amor e dedicação. E deixo o meu agradecimento a todas as pessoas que me subestimaram através de suas duras palavras e ações, cada gesto verbal e não verbal serviu de incentivo para eu caminhar em busca do passo seguinte: cheguei!*

## AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Salete Balbinot Damian e Sabino Damian que mesmo diante de todas as dificuldades foram e são exemplos de dignidade, e em momento algum mediram esforços para amparar seus filhos/as.

Aos meus irmãos, que sempre me apoiaram e contribuíram com o meu crescimento: Em especial a Keli Fernanda Damian e Daniel Silvestre Damiam. Obrigada pela amizade, carinho e compreensão. A minha querida orientadora Simone Vieira de Souza, que me acolheu generosamente durante a minha caminhada. Que compartilhou o seu conhecimento, que me apoiou respeitando os meus limites e mostrando que eu “contrariando algumas profecias” já havia vencido. O meu muito obrigada.

A Elizabete de Fátima Vivian Borba, que por meio de palavras de incentivo, por inúmeras vezes contribuiu para a renovação do meu ânimo.

Aos meus amigos Agostinho e Noêmia, que me apoiaram desde o início de minha caminhada, e que mesmo residindo em outro estado assumem um papel importante na minha trajetória acadêmica.

As minhas colegas pelos momentos coletivos de aprendizagem.

Aos professores/as que diante do desafio de nos ensinar, se dispuseram a produzir espaços importantes de formação, tanto acadêmica quanto humana. Em especial aos professores do Centro Educacional Popular (CEDEP), que por meio do cursinho pré-vestibular, possibilitaram que o sonho de entrar em uma universidade pública fosse possível.

A Elisa Paula Marques, pelo apoio e incentivo no início da minha carreira acadêmica, deixo o meu muito obrigada.

## RESUMO

Este estudo teve como tema central a análise do documentário *Nunca me Sonharam*. A partir dos conceitos de profecia autorrealizadora e estigma, explicita a relação entre estudante e professor/a, bem como sua implicação na trajetória escolar de estudantes marcados por estigmas e profecias que produzem humilhação e sofrimento. Problematiza narrativas de estudantes, professores/as e gestores de escolas públicas de diversas regiões do Brasil, seus anseios em relação ao futuro, adversidades encontradas, tanto no contexto escolar, quanto familiar, e possibilidades de se construir uma escola mais exitosa no cumprimento do seu papel na sociedade. No primeiro momento, é apresentado o conceito de estigma segundo Erving Goffman, e de profecia autorrealizadora com base nos estudos de Maria Helena Souza Patto. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, caracterizada como bibliográfica, e estudo de caso realizado por meio de análise do referido documentário. Com base no documentário se criou categorias de análise que dialogaram com a temática da pesquisa. Os temas estão divididos em sete indicadores, quais sejam: *Tempestade e trovão*, *A chave*, *Nunca me sonharam*, *Grades*, *Utopia*, *Orquestra e Tâmaras*. *Tempestade e trovão* inicia um conjunto de narrativas que versam sobre algumas das singularidades que fazem parte da juventude; a chave traz reflexões sobre o lugar que a escola pode exercer na vida dos/as estudantes, uma espécie de outro caminho possível; nunca me sonharam, mostra as possibilidades concretas para se construir sonhos ou abortá-los, e as narrativas de estudantes que expressam a superação de uma profecia em um cenário de desesperança; as grades, se refere aos espaços arquitetônicos das escolas, bem como a referência aos currículos e metodologias que nem sempre produzem sentidos aos estudantes; a utopia é o sonho que saindo do imaginário, faz o estudante caminhar e torná-lo realidade; a orquestra apresenta os/as integrantes que fazem parte de uma escola, e que assim como numa orquestra, para o seu bom funcionamento o maestro precisa cumprir sua função de forma afinada em busca da melhor melodia; e por último, as tâmaras, problematiza sobre as mudanças, ainda que os processos ocorram de forma lenta, alguém precisa iniciar a plantação das sementes.

**Palavras-chave:** estudante; estigma; profecia autorrealizadora.

## **LISTA DE SIGLAS**

CEDEP – Centro Educacional Popular

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS: MODOS DE COMPREENSÃO DO TEMA.....</b>	<b>12</b>
2.1 O estigma segundo Goffman.....	13
2.2 A profecia autorrealizadora.....	15
<b>2.2.1 A profecia autorrealizadora e a relação estudante e professor.....</b>	<b>17</b>
<b>3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>19</b>
3.1 Nunca me sonharam: outros ditos sobre as profecias autorrealizadoras.....	20
3.2 Tempestade e trovão.....	22
3.3 A chave.....	24
3.4 Nunca me sonharam.....	25
3.5 Grades.....	27
3.6 Utopia.....	30
3.7 Orquestra.....	31
3.8 Tâmaras .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Na condição de estudante, a vivência que remete ao conceito de profecia autorrealizadora esteve presente ao longo de minha trajetória escolar, desde os anos iniciais da educação básica até a universidade. Com o ingresso na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Pedagogia, essa experiência foi revisitada, sobretudo, nos diálogos de socialização dos mais diversos conteúdos e disciplinas que remetiam ao que fora vivido.

Ao longo dos quatro anos e meio de graduação, e com a apropriação que o percurso acadêmico possibilitou o tema mais uma vez é contatado numa atividade acadêmica da disciplina de Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos anos Iniciais, ministrada na ocasião pela professora Simone Vieira de Souza. Dessa vez, contudo, pareceu ganhar um contorno diferente. Ao problematizar o documentário “*Que letra é essa?*” a história de Patrick, a temática do sucesso ou fracasso escolar e a lógica da culpabilização localizada no referido vídeo, se funde com algumas lembranças do que vivi dentro da escola, e que produziram registros desse tempo e espaço. Essas marcas ao serem revisitadas no momento presente, falaram de um lugar que não quero ocupar no exercício da minha profissão, mas urge problematizá-la enquanto fenômeno bastante presente nas histórias dos Patricks e das Marias.

Este tema, portanto, é curioso e mobiliza (dor). De início, chama-nos atenção ao que o nome remete, qual seja: *profecia*. Derivado do latim, *profecia*: *sf* 1 predicação do futuro feito por profeta. 2 Presságio, conjetura (MICHAELIS, 2009, p. 703). O mesmo trata-se de um pensamento profético, que resultam em ações direcionadas a alguns sujeitos, e que podem estar relacionadas à classe social, etnias quando se atribuem preconceito racial, devido à cor, raça ou crença, homofobias, e outras questões relacionadas a gênero, entre outros (ASBAHR, 2006).

Quanto à palavra *autorrealizadora*, quando compreendida na sua relação com o conceito anterior, alguns estudos expressam a correspondência sobre o caráter profético e realizador que algumas narrativas de professoras ganham ao se observar as trajetórias de estudantes que receberam o título de estudante com fracasso escolar ou de estudantes que tiveram sucesso na escola. Ao que parece, há dois possíveis tons proféticos: (I) a do fracasso, marcado pelo sujeito que se apropria da profecia, e de tanto escutar de sua incapacidade e falta de sucesso, sucumbi a ela, correspondendo ao script esperado; (II)

ou o do sucesso escolar, no qual o/a estudante é elogiado/a pelos feitos escolares, exaltado/a por aquilo que a escola compreende como um comportamento exitoso, e assim o é na história que constrói como estudante. Contudo, também, há situações onde mesmo com uma escuta recorrente que remete a falta de sucesso estudantil, o sujeito busca estratégias de superação, ou seja, há exceções registradas na regra. Mas, isso, evidentemente, está imbricado com uma rede de mediações que dispõe o sujeito.

Dito isso, este estudo apresenta como tema central o conceito de *profecia autorrealizadora*. Com o olhar que se volta para a relação estudante e professora, pretendo dissertar a partir de uma pesquisa bibliográfica e análise do documentário “*Nunca me sonharam*”, sobre esta relação e alguns dos desdobramentos no rendimento do estudante com fracasso ou sucesso escolar. Assim sendo, a partir da obra de Goffman (2004) e Maria Helena Souza Patto (1997), trago as referências teóricas dos autores no que tange o conceito de profecia autorrealizadora e estigma, objetivando uma reflexão crítica sobre a perspectiva da temática e possível consequência.

A importância deste estudo, apesar do acúmulo que há na área, se justifica pelo número significativo de estudantes evadidos da escola, que segundo o Ministério da Educação (MEC) nos últimos quatro anos ocorreu uma queda de 1,8 milhão de matrículas no ensino Fundamental (INEP 2018)<sup>1</sup> e, muitas vezes, o motivo de sua desistência está atrelada a falta de sucesso escolar. Nesse sentido, os achados e sínteses finais que chegamos, poderão servir de indicadores para novas pesquisas acerca do tema, poderá ser um ponto de referência para indagações futuras de outras/os acadêmicas/os que se propuserem a estudá-lo, e assim, talvez, contribuir com a construção de novas perguntas e perspectivas.

Uma vez que dentro da academia, somos constantemente mobilizados por questões que envolvem o dia a dia escolar, seu funcionamento, desafios e possibilidades, o recorte que apresento neste estudo, nos desafia sobremaneira. Voltando ao tema específico, independente das marcas deixadas por professores/as nos/as estudantes, isto é, marcas positivas e impulsionadoras de sentidos, ou negativas e aniquiladoras de vontades, é de relevância o seu estudo e aprofundamento na formação das/os futuras/os pedagogas/os, assim como para docentes no exercício profissional.

Diante do exposto, este estudo pretende *analisar o documentário Nunca me*

---

<sup>1</sup>Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>. Acesso em 06 de abril de 2018. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206). Acesso em 06 de abril de 2018.

*Sonharam, a partir dos operadores conceituais: profecia autorrealizadora e estigma*; e para isso, temos como objetivos: (i) descrever o conceito de profecia auto-realizadora e estigma; (ii) realizar um aprofundamento na literatura que versa sobre o tema; (iii) relacionar algumas das especificidades do tema na relação professor e estudante e sua influência nas trajetórias de pouco sucesso na escola; (iv) analisar o documentário “Nunca me Sonharam” à luz dos referidos conceitos.

## 2. FUNDAMENTOS CONCEITUAIS: MODOS DE COMPREENSÃO DO TEMA

Diversos autores desenvolveram e desenvolvem estudos direcionados ao fracasso de discentes em todas as etapas do ensino. Dentre estes, destacam-se, inicialmente, a professora e pesquisadora Maria Helena Souza Patto<sup>2</sup> (1997), considerada uma primeira e grande referência no tema.

Na continuidade das discussões, outros autores com importante contribuição deram sequência a temática. Sobre isso, Vaderly Maria dos Santos Rodrigues Paula (2009), problematiza o quão recorrente o mesmo se mostra, quando se trata de atividades de ensino. Segundo a autora, nos sistemas educacionais, o fracasso escolar aparece como um dos assuntos mais estudados. No entanto, destaca que tem predominado não a busca de estratégias efetivas para abordá-lo, mas, sim, de pesquisas que recaem mais uma vez, na lógica da culpabilização do fenômeno, ou então, na presença de tons de denúncia que pouco contribuem para o enfrentamento, uma vez que se trata de um problema político, social, ligado ao exercício docente e as políticas públicas educacionais.

Quando adentramos o cotidiano escolar, ao nos depararmos com trajetórias de estudantes com problemas na escolarização, observamos certa tendência a atribuir a culpa ao estudante e a família, ou a condição social que ambos vivem e estão expostos. Esquece-se de mencionar que o déficit educacional, também é de responsabilidade das instituições em que os estudantes estão inseridos, portanto, há que se ter como centralidade nesta análise, o déficit do Estado.

Frequentemente palavras de cunho pejorativo, como, por exemplo, “esse aluno traz pouca bagagem<sup>3</sup>”, ou “não tem cultura<sup>4</sup>”, são dirigidas aos estudantes, cujos pais possuem

---

<sup>2</sup> Maria Helena Souza Patto é Psicóloga, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal de São Paulo, onde a mesma atua como professora titular. É uma referência importante na área da Psicologia Escolar. Com a autora se inaugurou no Brasil os estudos acerca do “fracasso escolar”, bem como da Psicologia Escolar e a pobreza, se contrapondo as explicações ancoradas no preconceito racial e social que justificavam a falta de sucesso escolar no próprio estudante e sua família.

<sup>3</sup> Para Patto, a carência cultural compreendia que estudantes, geralmente os que estavam localizados numa determinada classe social, de etnia historicamente oprimida, como negros e indígenas, portanto, com menor acesso à educação de qualidade, com configurações familiares e comunitárias menos favoráveis e diversas, do ponto de vista das experiências culturais, sociais, estariam dentro dessa perspectiva, fadados a um futuro de pouco sucesso escolar. Para essa teoria os estudantes obtinham maus resultados na escola por falta de informações ou dificuldades localizadas no próprio sujeito, quando problemas mais complexos estavam colocados, por exemplo, a não legitimação no sistema educacional e no mercado de trabalho dos conhecimentos produzidos pelas culturas subalternizadas e periféricas.

<sup>4</sup> A teoria da diferença cultural preconiza que as características, o nível de rendimento, os padrões de interação, os valores, as atitudes e as expectativas de um grupo ou classe social, nesse caso, os que estavam

pouca escolaridade ou pertencem às classes mais desfavorecidas, desconsidera-se, assim, a apropriação cultural da criança e seu entorno. Ao compreendermos o processo de interação social, segundo os estudos da professora Rego, a partir da teoria interacionista de Vygotsky, e sua importância na aprendizagem e no desenvolvimento humano, reconhecemos o papel da escola e do ensino, como cenário no qual, por meio de atividades intencionalmente planejadas pelo/a professor/a, ocorrem os saltos qualitativos para que o sujeito aprenda e se desenvolva (REGO, 1995).

Ainda sobre esse importante apontamento, Vygotsky (1985), publiciza nos seus estudos que os processos não são inatos, se originam em decorrência das relações sociais, produzidos nas interações com o meio. São essas relações que distanciam os homens dos animais, já que os estímulos que recebemos dizem respeito a um aparato biológico. Sendo assim, se pode dizer que se não estivéssemos em contato com a cultura, a linguagem, e na interação social, não teríamos a capacidade de desenvolver ao máximo nossas qualidades humanas.

## 2.1 O estigma segundo Goffman

Como já anunciado, este trabalho busca refletir sobre o tema *profecia autorrealizadora e a relação professor e estudante no que tange as trajetórias de pouco sucesso na escola*. Como forma de oferecer subsídios a nossa análise, apresentaremos o conceito de estigma, de Erving Goffman por sua importante contribuição para se compreender os efeitos dos estigmas sociais – quando vividos de forma recorrente pelo sujeito –, na produção de sofrimento, humilhação, e em alguns casos, produzindo processos de despersonalização da identidade deteriorada<sup>5</sup> (GOFFMAN, 2004).

---

localizados na classe dominante – são tomados como norma, e na contramão disso, os sujeitos pertencentes aos grupos dos dominados são comparados nos baixos resultados obtidos e níveis de pouco sucesso escolar. Os estudos dentro dessa perspectiva constatavam que: o pobre e sua cultura apresentam características mais negativas do que os integrantes da cultura dominante; daí a conclusão que se tornava uma sentença, de que são sujeitos com deficiência ou com privação cultural, restando o abandono escolar e as histórias de repetência e fracasso (PATTO, 1997).

<sup>5</sup> Despersonalização da identidade deteriorada, segundo Goffman, “se dá sempre que há normas de identidade. As mesmas características estão implícitas quer esteja em questão uma diferença importante do tipo tradicionalmente definido como estigmático, quer uma diferença insignificante, da qual a pessoa envergonhada tem vergonha de se envergonhar. Pode-se, portanto, suspeitar de que o papel dos normais e o papel dos estigmatizados são parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido-padrão. É óbvio que os estudantes orientados para a psiquiatria freqüentemente mostraram a consequência patológica da autodepreciação, assim como argumentaram que o preconceito contra um grupo estigmatizado pode ser uma forma de doença. Esses extremos, entretanto, não nos interessam, porque os padrões de resposta e adaptação considerados neste ensaio parecem poder ser completamente compreendidos dentro do quadro de referência da psicologia normal”

“O termo estigma, portanto, será compreendido como um atributo profundamente depreciativo dirigido ao outro, um atributo que estigmatiza alguém e pode inferir um caráter de normalidade” (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Erving Goffman foi um sociólogo norte-americano, nasceu na Mannerville, Alberta, Canadá, em 1922, faleceu Filadélfia, Pensilvânia em 1982. É considerado o mais influente sociólogo do século XX. Nos seus estudos se dedicou as pesquisas e conceituação do estigma, que segundo o autor se relaciona ao papel social e a maneira como cada sujeito concebe sua imagem e pretende mantê-la (GOFFMAN, 2004).

Na importante obra, intitulada “*Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*”, o autor afirma que ao longo dos anos, o estigma vem sendo estudado por diferentes estudiosos. E nessa direção, advogam sobre a inadmissão do sujeito em pertencer à sociedade, por possuir características consideradas excludentes, relacionadas à forma física ou mental. No livro reescreve o significado de estigma a partir de estudos por ele desenvolvidos, e com auxílio de prontuários clínicos conclui que o estigma está ligado a identidade social, onde se busca aspectos para avaliar os indivíduos positivamente ou negativamente. Segundo Goffman,

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. [...] A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" – para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação". Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso (GOFFMAN, 1981.p. 5).

Dito isso, e problematizando a relação entre o conceito e os estigmas produzidos socialmente e reproduzidos dentro da escola, há que se considerar: - a dimensão territorial do nosso país; - as realidades sociais diversas; - o sistema educacional brasileiro com seu histórico deficitário no que se refere à educação de qualidade a todas/ todos; - a produção e reprodução de diferentes estereótipos atribuídos aos estudantes em razão de sua classe social, etnia,

orientação sexual, gênero, aprendizagens, etc.

Tal fenômeno é perceptível no documentário que nos debruçamos nesse estudo. Ou seja, o estereótipo de que alguns sonhos não pertencem a uma determinada parcela da sociedade e suas variações estão presentes nos discursos dos adolescentes e jovens. Entre algumas falas se anuncia as realidades vividas refletidas numa escolha de querer superar o meio em que vivem, e essa superação se daria por meio do ensino, do apoio dos educadores que em uma linguagem metafórica depositaria pequenos grãos de esperança nos diálogos no cotidiano escolar.

O documentário faz referência ao artigo 205 da Constituição Federal de 1988, e destaca que: “A educação é um direito de todos e dever do estado e da família”. Na certeza de que sim, de que é um direito de todos e todas, mas que há também uma lacuna no que tem sido ofertado e no como esta oferta se dá, e, considerando, ainda, o valor intrínseco e imensurável, capaz de ampliar o sonho dos/as jovens, independente do legado social e do estigma difundido nas escolas para se reportar as diferentes classes sociais, quando a escola em algum momento ensina e potencializa o sonho, o estudante é capaz de ultrapassar barreiras impostas e construir um novo significado na sua trajetória de dores vividas dentro da escola.

## 2.2 A profecia autorrealizadora

O termo profecia autorrealizadora surgiu em meados da década de 1949. Os estudiosos ligados à sociologia se aprofundaram no tema para compreender de que maneira se depreciavam nas escolas as diferenças sociais entre brancos e negros, com o intuito de buscar uma justificativa quanto à separação que ocorria no espaço escolar, no qual estudantes negros eram separados de estudantes brancos por uma linha que dividia a sala de aula, nas instituições de ensino americana. Esse fato contribuía para a produção do fracasso escolar, ao se considerar, por exemplo, que as vagas eram oferecidas pelas escolas, porém, não se ofertava as mesmas condições aos estudantes. Segundo Merton (1949), nesse período, alguns professores/as afirmavam que ensinariam apenas aos brancos, pois os negros não eram capazes de adquirir conhecimento, eram menos inteligentes.

Para muitos estudantes, o/a professor/a é um/a mestre/a, no qual é possível se espelhar na busca de inspirações e motivações para seguir os estudos. No entanto, dentro da realidade escolar, alguns comportamentos docentes são localizados e observados como danosos do ponto de vista da aprendizagem e da disposição para os/as estudantes seguirem os estudos. Entre eles estão os discursos proféticos direcionados a alguns adolescentes e jovens, e denominadas de profecias autorrealizadoras. Merton advoga que a “A profecia autorrealizável é, no início uma definição falsa da situação, que suscita um novo comportamento e assim faz com que a concepção originalmente falsa se torne verdadeira” (MERTON, 1949, p.447). E Rosenthal afirma que “Alguém profetiza um evento, e a expectativa do evento muda o comportamento de quem fez a profecia de tal modo que torna a profecia mais provável” (1966, p. 196).

Levando em conta as afirmações de Merton e Rosenthal, ao proferir tais palavras o/a professor/a torna-se uma espécie de oráculo, prevendo de certa forma o futuro do/a estudante que ao receber essas “visões”, e a depender das outras mediações que contar, poderá tomar para si o roteiro anunciado.

Quando adentramos o terreno da escola, essas cenas estão presentes e de forma significativa. Ou seja, não são raras às vezes em que por questões adversas o/a estudante é tratado/a de maneira distinta, de forma pejorativa dos demais colegas, e com desdobramentos no seu rendimento escolar, produzindo por sua vez, incapacidades, dificuldades de confiar em si, de aprender, de participar das atividades propostas na sala de aula, etc. Tal destaque confirma o que Britto e Lomonaco, descrevem sobre a profecia autorrealizável. Para os autores:

O conceito de profecia auto-realizadora não é novo em psicologia. Allport (1950, apud Rosenthal, 1966) já salientava que a expectativa de uma pessoa a respeito do comportamento de outra pode contribuir para que essa última se comporte de acordo com o que se espera dela. Tal conceito tem provocado muitas e interessantes discussões entre psicólogos educacionais e educadores preocupados com a possibilidade de que a expectativa dos professores possa ajudar ou prejudicar o desenvolvimento intelectual e acadêmico de seus alunos. Em 1963, Clark (apud Rosenthal e Rubin, 1978) já salientava que crianças de guetos americanos eram frequentemente vítimas da profecia auto-realizadora de seus professores, uma vez que esses acreditavam que as crianças não podiam aprender (1983, p.60).

Portanto, uma profecia ao interferir nesse nível na vida dos/as estudantes, passa a se relacionar diretamente com as questões vinculadas ao fracasso escolar. Ao acreditar no que foi dito sobre si, o estudante internaliza palavras que podem se tornar em mais um obstáculo a ser superado. Na contramão disso, Leite e Tagliaferro (2005) apresentam no artigo *A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível*, um estudo sobre práticas pedagógicas



desenvolvidas por um professor em sala de aula, e os seus possíveis efeitos na futura relação que se estabeleceu entre os/as estudantes e os conteúdos escolares, problematizando as dimensões afetivas das relações entre estudantes e professores/as.

### 2.2.1 A profecia autorrealizadora e a relação estudante-professor

Da mesma forma que as palavras ditas pelo professor possuem grande influência na trajetória escolar do/a estudante, segundo Tacca (1999), o professor no seu convívio diário e nas suas inter-relações constrói um sistema de crenças que estão relacionados aos estímulos que chegam até ele,

Esses estímulos ele utiliza para suas experiências e a ocorrência dos fenômenos de sua sala de aula, recorrendo, para tanto, às invariâncias do seu ambiente, ou seja, às propriedades disposicionais do aluno e do ambiente, podendo assim prever os acontecimentos inseridos em determinadas circunstâncias (TACCA, 1999, p. 87).

Os estímulos são importantes aos estudantes, pois os mesmos os utilizam de tal forma a vencer os obstáculos encontrados ao longo do percurso. Entretanto, como já foi expresso, nem todas as palavras que os/as estudantes se apropriam são favoráveis a eles/as. É possível encontrar relatos onde o/a professor/a se apresenta como um obstáculo na relação com alguns sujeitos, dificultando o sucesso do/a estudante. Mas, há que se registrar os que atuam de forma a apresentar um novo alicerce, capaz de proporcionar novas expectativas as crianças e adolescentes estigmatizados/as.

No que tange às leituras realizadas sobre o conceito profecia autorrealizadora, pode-se afirmar que a relação entre os/as estudantes e professores/as nos primeiros anos de escolarização, é fundamental para que ocorram processos de aprendizagens mais exitosos. Segundo (Vygotsky, 1984) as características humanas de nível emocional, se dão através da interação, por meio dos processos mentais. Fazem parte desses: os processos neurológicos, psicológicos, linguístico e cultural, atribuídos através da interação cultural. Logo, a relação construída entre o/a estudante e professor/a contribui positivamente ou negativamente para o desenvolvimento das funções psicológicas da criança.

Isto é, à relação construída em sala entre estudantes-professor/a contribui para criar disposição para querer aprender, assim como para a superação das dificuldades já vivenciadas por alguns estudantes; assim como a família ou responsáveis pelas crianças e adolescentes são de extrema importância na trajetória escolar, o/a professor/a também faz parte desse período de tamanha relevância, referido no documentário como “*um rito de passagem*”, norteador e inspirador de caminhos a seguir.

Nas palavras de Tacca (1999), ao analisar as circunstâncias em que a profecias ocorrem, se percebe que a pessoa ao prognosticar um evento enche-se de expectativa, modificando o comportamento em relação ao sujeito no qual se atribui a profecia, para assim contribuir com o comportamento esperado (Tacca, 1999, p.88). Mais uma vez, se reforça aqui, o papel crucial do/a professor/a na realização de uma crença, uma vez que suas palavras são interpretadas como o que não se contesta, onde ao ouvir o que o/a professor/a afirma, o/a estudante as toma para si como verdade. Quero destacar com isso, que pessoas estigmatizadas têm muitos pontos em comum entre suas histórias e apropriações sociais e afetivas sobre o que viveu na escola a partir de um estigma socialmente construído.

### 3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esse estudo é de natureza qualitativa, caracterizado como bibliográfico, e estudo de caso realizado por meio de análise do documentário “*Nunca me sonharam*”. Para discutir as questões relacionadas ao tema, apresentamos o conceito de profecia autorrealizadora, assim como o conceito de estigma, uma vez que subsidiaram nossa análise. Sobre a pesquisa de cunho qualitativo, Triviños afirma que é a:

Pesquisa qualitativa de índole fenomenológica justifica-se a busca de uma metodologia que, considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais. Por isso, consideramos como válido o enfoque histórico-estrutural para nossa realidade social que, empregando o método dialético, é capaz de assinalar as causas e as conseqüências dos problemas, suas contradições, suas relações, suas qualidades [...] Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o pesquisador (TRIVIÑOS, 2009, p.125).

Como parte do percurso metodológico, pesquisamos os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como forma de buscar temas que se aproximassem de nossa área de estudo. Após a leitura nos registros dos trabalhos realizados nos últimos cinco anos, totalizando aproximadamente 320 títulos pesquisados, três TCC<sup>6</sup>s foram selecionados para leitura integral por se relacionarem de forma mais próxima com o recorte desta pesquisa.

A partir do acesso e leitura minuciosa dos materiais bibliográficos, se assistiu duas vezes o documentário. Uma primeira vez com atenção flutuante com o objetivo de conhecer a obra e produzir uma resenha síntese, com possíveis indicadores de análises, e organização das informações retiradas do documentário. E uma segunda vez, para fins de registros, sobretudo, os que desencadearam algum tipo de reflexão ou emoção. Nesse sentido, foi se delineando uma espécie de pré-análise e se identificando categorias centrais para a análise posterior, aqui, se revisitou cenas, se pausou outras, transcreveram-se falas, com destaque especial nas informações que poderiam ser significativas.

Segundo Ferro esta análise deve conter elementos que ajudem a compreender de forma crítica o que se expressa no filme/documentário. O autor afirma que se deve

---

<sup>6</sup> A afetividade no desenvolvimento infantil: contribuições de Wallon, de Beatriz Garcia Pereira, 2017; O papel do pedagogo(a) nos documentos da política educacional Brasileira. Edir Maria Schneider Giacomelli ano 2016; O exercício da Docência: Reflexões sobre o fracasso na escola, de Josiane Longen, 2014.

Analisar no filme, principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme, com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa (FERRO, 1976, p.203).

A partir disso, se optou por categorias de análise, por meio de indicativos apresentados no próprio documentário, e se analisou os principais aspectos que dialogaram com a temática dessa pesquisa. Os temas estão divididos em sete indicadores que serão abordados na próxima sessão, quais sejam: *Tempestade e trovão*, *A chave*, *Nunca me sonharam*, *Grades*, *Utopia*, *Orquestra e Tâmaras*.

### 3.1 Nunca me sonharam: outros ditos sobre as profecias autorrealizadoras

Apresenta-se a seguir um pequeno resumo do documentário “Nunca me Sonharam<sup>7</sup>”, com o objetivo de que o leitor possa acessar como o diretor abordou a temática, bem como sua análise a partir do viés dado pelas narrativas que seguem. O documentário brasileiro versa em síntese, sobre os sonhos, desafios e as expectativas para o futuro de quem vive a realidade nas escolas públicas brasileiras, e nas mais variadas regiões do país, entre elas, São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Piauí. Transita a partir de falas de estudantes, gestores, professores e especialistas, ou seja, há um lugar de escuta e diálogo com todos os sujeitos partícipes da escola. E está dividido em sete capítulos, onde cada um deles inaugura um conjunto de narrativas que ocupam o lugar de metáforas criativas e condutoras de reflexão, quais sejam: *Tempestade e trovão*, *A chave*, *Nunca me sonharam*, *Grades*, *Utopia*, *Orquestra e Tâmaras*.

Por meio de narrativas e diálogos que emocionam, desejos se somam a outros desejos e conceitos, revelam olhares distintos, e que apesar de se localizarem em diferentes regiões do país, e tratar de diferentes perspectivas de sonhos, há um ponto de encontro no que se refere à escola: - o olhar dos jovens estudantes e suas indagações falam sobre os sonhos que nunca foram sonhados ou talvez os sonhos que são sonhados e que os colocam mais rapidamente para fora da escola, com interrupção no ensino médio, quando chegam até lá.

Por outro lado, é sabido que todo ser humano, todo jovem tem o direito de sonhar. Alguns ousam sonhar grande, outros nem tanto, mas, em alguma medida, todos teriam essa capacidade de sonhar com outro possível, poderiam falar de suas aspirações, quem sabe falariam até de um esboço do que seria um futuro melhor, onde a desigualdade não faria parte de um roteiro tão realisticamente presente. Porém, para alguns desses estudantes, o futuro

---

<sup>7</sup> Lançado no dia 06 de agosto de 2017 (Brasil), dirigido por Cacau Rhoden, com participação no roteiro de Andre Finotti e Tetê Cartaxo, incumbidos da produção, Estela Renner, Marcos Nisti e Luana Lobo.

parece distante e inalcançável, quem sabe viva até a espreita de um estímulo que o carregue para outras terras do sonhar.

Rodhen não nos mostra apenas os anseios dos educandos, mas apresenta os desafios enfrentados para se garantir o direito à educação para todas e todos, fala da precariedade das escolas, sua estrutura, o difícil acesso, a descrença de suas famílias e os estímulos oferecidos por professores/as e gestores para se combater o abandono dos estudos, algo que parece ser tão utópico para alguns; como expressa um dos estudantes *“eles nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo um professor, nunca me sonharam sendo um médico. Eles não sonhavam e nunca me ensinaram a sonhar. Tô aprendendo a sonhar sozinho”* (Felipe Lima, Olinda/Ceará).

Ouvir Felipe/estudante se referir à ausência de um sonho porque nunca lhe foi apresentado à possibilidade de sonhar com uma profissão, e, sobretudo, quando afirma que está aprendendo a sonhar sozinho, é bastante mobilizador. E infelizmente mais comum do que supomos, é perceptível a descrença de algumas famílias sobre o futuro dos/as seus/suas filhos/as, e às vezes de alguns professores e equipe gestora da escola. Isso nos remete aos estudos de Patto, mencionado anteriormente, sobre a carência dos sujeitos das classes mais inferiores no que se refere à negatividade e apropriação de cultura. Ao versar sobre a “carência cultural”, a autora afirma que os indivíduos pertencentes às classes dominadas se minorizam, colocando-se como injustiçados, por não possuir as mesmas oportunidades que as classes dominantes, se sentem deficientes ou carentes de cultura (PATTO, 1997).

Talvez pudéssemos pensar a luz dos estudos da autora, de que a fala de Felipe expressa um cenário de privação de educação dos seus pais, que assim como Felipe, nunca lhe sonharam, ou ainda tenham sido interditados no sonho porque disseram que alguns sonhos nunca seriam para eles. Esse discurso se localiza em outros momentos do vídeo, com os pais justificando o “fracasso dos/as filhos/as” pela falta de oportunidades ou pela carência de uma cultura letrada.

Vale destacar que apesar de um olhar tímido sobre os anseios e as perspectivas que a educação oferece aos estudantes entrevistados/as, a mesma é compreendida como um caminho que poderá produzir mudanças e realização. O sonho que por vezes se mostra quase impossível, é na escola, e no caso desses/as estudantes, na escola pública que haverá de se realizar. E na direção do que se afirma no documentário, 82% dos jovens que estudam em escolas públicas, 50% se evadem para procurar um trabalho, ou seja, é urgente que a educação brasileira seja avaliada nas suas políticas educacionais, assim, talvez, as portas das escolas possam se abrir para os/as estudantes entrarem e permanecerem dentro delas até o momento

da integralização dos seus ciclos de ensino e quem sabe dar prosseguimento em busca de outros sonhos e degraus.

### 3.2 Tempestade e trovão

*“A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.*  
(Constituição Federal, artigo 205)

O artigo acima está descrito na Constituição Federal de 1988, e acena para a garantia dos direitos de crianças e jovens de todas as idades e classes sociais de acessar a educação pública e de qualidade. Já no início do documentário, o referido artigo da Constituição Federal é apresentado pelo diretor, e parece retificar esse direito e assegurar a livre expressão oriunda dos diálogos que nele se encontram, apresentando também narrativas que apresentam certa negação quanto ao um futuro promissor, explicitando estigmas que são difundidos na escola e na sociedade. Como se pode observar no excerto: *“Eu sou um defeito de fábrica, eu acho que sou assim diferente de todo mundo”[...] “A partir do momento que o sonho foi tirado de mim, eu desisti dele”[...] “Eu quero que você saia do seu mundinho e cresça”.*

Isso nos remete aos estudos de Patto (1997), sobretudo, quando versa sobre a Psicologia do Desprivilegiado e do Oprimido, que consiste nos indivíduos e suas singularidades e que apresentam um ponto de encontro nas suas histórias de vida, a falta de oportunidade ou a inadmissão. Tal fenômeno se visualiza em diferentes falas ao longo do documentário.

Ao que sugere, a metáfora “tempestade e trovão” abre um ciclo de narrativas, descrevendo as inseguranças e a falta de oportunidades que muitas vezes parece não dar tréguas às pessoas, assim como uma tempestade que parece não ter fim; mas que como de uma hora para outra, o tempo se abre, e um sonho parece ser realizado após um forte raio riscando o céu.

Ainda sobre a referência “tempestade e trovão”, o psicanalista Christian Dunker descreve que a juventude pode ser compreendida como:

*“Uma espécie de tempestade [...] acho que não é a toa que o primeiro movimento, assim de filosófico a colocar a juventude e adolescência, como momento decisivo da vida se chamava *usturm und drang*, né? Tempestade e trovão. São grandes marcas que vão se avolumando, que é um pouco do*

*processo que a gente tem no próprio corpo né, na própria experiência de vida, no tamanho do eu, e que de tempos em tempos ele desencadeia, em uma espécie de raio de conexão entre dois mundos, o mundo do ar e o mundo da terra” (DUNKER, 2017).*

Dentro das destemperanças encontradas nas diversas realidades, o documentário retrata nessa espécie de capítulo, os anseios de estudantes cujos sonhos ainda estão a um passo de serem concretizados. Em uma sociedade marcada por grandes diferenças sociais, o tema que se refere às escolhas e oportunidades, é problematizado por André Luiz Barroso, que diz na sua participação: *“O jovem pode sonhar, mas qual jovem pode sonhar? Qual jovem tem capacidade e tem tempo, tempo pra sonhar? Acordar e falar assim: hoje eu vou fazer isso! Não, não! Hoje a vida já está dada pra ele! É acordar, atravessar o rio, e vir pra escola”*.

Ou seja, jovens e adolescentes apesar de frequentarem os espaços escolares, possuem sempre as limitações inerentes as condições concretas de vida que ele e sua família vivem. No documentário é explicitado, na maioria das falas, a falta de oportunidades ou a descrença, enraizado nos discursos dos/as estudantes. Talvez, Patto (1997) possa nos auxiliar a compreender o que significa a falta de confiança construída ao longo de uma história de vida marcada por dificuldades importantes, quando essas se referem, sobretudo, às camadas mais pobres, ou menos favorecidas.

Com base nos estudos da autora e através de uma análise crítica do documentário, é possível perceber uma relação entre os discursos apresentados e suas histórias, e os aspectos que caracterizam a teoria da “carência cultural”. Há evidências de que para se alcançar o sucesso, os parâmetros normativos se baseiam nos definidos pela classe dominante. Sendo assim, os/as adolescentes e jovens que não possuem as mesmas oportunidades de acesso a cultura dominante, apresentou um discurso de menosprezo e negação de sua bagagem cultural, e outras vezes, pareceu se julgar incapaz de dar continuidade aos próprios sonhos.

Nas palavras do diretor teatral, escritor e cineasta Marcos Faustini, os/as jovens são denominados/as como o futuro de nossa nação, e lhes é atribuída uma carga muito grande, *“Muito sonho, muita ideia, e pouca gente escutando pra realizar”*. Entretanto, para os/as jovens é muita responsabilidade carregar o peso de que podem mudar o futuro da nação, e ao mesmo tempo terem a marca da condição social como algo que traz limitações, assim como estar num momento da vida onde as mudanças de opiniões são comuns. Assim como descrito nas falas de Maria Lucia Mattos, de 16 anos do Belém /PA: *“Com 15 anos tu quer ser advogado, com 16 quer viajar o mundo, tu muda de pensamento muito rápido. Tu muda de*

*gosto musical muito rápido. Tu vai se apropriando de certas coisas, tu vai mudando e evoluindo”;* e de Milena Lisboa, de 17 anos, do Espírito Santo: *“Eu não sei mais o que quero fazer na vida. Eu gosto de muita coisa. Eu quero fazer muita coisa, eu não sei por onde começar”*.

Como resolver essa problemática uma vez que são vistos/as como “a salvação do país”, assim como destacou o economista Ricardo Henriques? O Brasil é um país de grandes dimensões, dentro desse se encontram diferentes realidades, assim como distintas oportunidades. Para Dunker:

*Pra juventude mais vulnerável, desfavorecida, a infância se encurta, então você brinca menos, você está sediado pela eminência do trabalhar mais cedo, você tem uma relação com a aprendizagem e com a educação que é fortemente instrumental, ou seja, aprender para... É aprender uma atividade, um ofício para a profissão, aprender a versão mais simples das coisas, aprender sem ambicionar muito. É essa a compreensão da adolescência e da infância. Ela produz o que me parece ser a principal sequela psicológica que é o encurtamento dos sonhos. Isso é pior do que oferecer oportunidades reais, não elucidativas, isso é matar o futuro”*.

Aqui reside uma importante reflexão que é tema central do documentário “o sonho que não se sonha”. Talvez, seja uma das perguntas apresentadas de maior desafio para nós e que eu traduzo na seguinte questão: - como a escola pode atuar como um espaço que alimenta sonhos, no lugar de matá-los?

### 3.3 A chave

*“Eu tenho muito carinho pela minha professora da quinta série, sem essa mulher, ela não sabe a transformação que ela fez em ter falado pra mim, continua! Ela colocou um recado fofo no meu caderno assim, que eu guardo até hoje e aquilo ali pra mim, fez muita diferença! Foi aquele caderno da minha escola na Brasile, zona Norte que me fez falar: Nossa a poesia é legal e eu quero fazer isso!” (Mel Duarte, Poeta, 2017)*

Partindo dos discursos socialmente criados e difundidos nas diferentes pessoas que participaram do documentário, e em especial, as narrativas dos/as jovens, a educação é apontada como a chave para milhares deles/as, e alimenta alguns sonhos. A busca pelo conhecimento traz a possibilidade de superar obstáculos produzidos socialmente ou no contexto escolar. Como expressa a estudante Ana Carolina de Melo: *“O conhecimento se faz presente como uma chave capaz de abrir diversas portas”*.

Dentro do contexto escolar, o papel do/a professor/a é de suma importância para o sucesso dos/as estudantes e na criação de condições para se gostar da escola. É considerado



pelos discentes uma espécie de oráculo, devido ao conhecimento que o mesmo possui e pode proporcionar aos demais, outras vezes pelo lugar de inspiração, ou ainda de por proferir algumas previsões não muito animadoras aos estudantes.

Dentro dos papéis que fazem parte do exercício da profissão, as trocas de experiências e o cuidado nas relações vividas na escola, podem contribuir para a consolidação de um vínculo positivo, como observado no relato de Mel Duarte – através do incentivo de uma de suas professoras, a mesma galgou um sonho, o de ser poeta –, a professora acreditou na grandeza de seus escritos e compartilhou com ela sua capacidade. O contrário como já descrevemos, infelizmente, se faz presente também nos vividos da escola, ou seja, relações entre professores/as e estudantes que abortam sonhos e humilham. Nas palavras de Leite e Tagliaferro:

Assume-se que as relações que se estabelecem entre o sujeito (aluno) e os objetos do conhecimento (conteúdos escolares) são, marcadamente, afetivas, sendo que sua qualidade (aversiva ou prazerosa) depende, no mesmo sentido, do processo de mediação vivenciado pelo aluno, em sala de aula – onde se destaca o trabalho pedagógico do professor (2005, p. 247).

Partindo disso, podemos confirmar que a mediação entre professor/a e estudante quando envolve afeto, cria um ambiente prazeroso dentro da sala de aula, sendo de suma importância para apreensão dos conteúdos no que tange o ensino, assim como para as escolhas futuras na vida, como por exemplo, a de dar continuidade aos estudos. Não são raros os discursos que encontramos sobre a importância que os docentes possuem na trajetória dos discentes, servindo como fonte de inspiração, estopim ou uma espécie de gatilho que os levam a buscar o seu sonho.

Nos estudos dos referidos autores, que resultou no artigo “*A afetividade na sala de aula: professor inesquecível*”, as questões que envolvem a afetividade em sala de aula se apresentam de forma ampla e complexa, pois a mesma está relacionada ao desenvolvimento da criança, e o seu primeiro contato social. Entretanto, como já foi problematizado, o/a professor/a pode num caminho inverso deixar marcas negativas nas crianças e nos/as adolescentes, culminando algumas vezes com a desistência de si, dos seus sonhos e da escola.

### 3.4 Nunca me sonharam

Ao que parece, sonhar é algo inerente aos sujeitos. No entanto, ao ouvir o discurso a baixo, parece que o tipo de sonho que será sonhado, ou a ausência de sonhos, se relaciona com as mediações vividas por cada pessoa. Talvez, aqui resida alguns dos temas que tenham

motivado a origem do nome do documentário de Rodhen:

*Como meus pais não foram bem sucedidos na vida, eles também não me influenciavam, não me davam força para estudar. Achavam que quem entrava na universidade era filho de rico. Acho que eles não acreditavam que o pobre também pudesse ter conhecimento, que pudesse ser inteligente. Para eles, o máximo era terminar o ensino médio e arrumar um emprego: trabalhador de roça, vendedor, alguma coisa do tipo. Acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo professor, nunca me sonharam sendo um médico. Eles não sonhavam, não me ensinaram a sonhar. Eu aprendi a sonhar sozinho. Tô aprendendo a viver também (Felipe Lima 2017).*

Quanto aos sonhos dos/as estudantes, suas condições sociais e o discurso que se faz presente no diálogo acima, a descrença quanto à busca do sonho, pode ser referenciado por Patto, quando descreve sobre a carência das famílias que ao se apropriarem desses discursos como verdades, deixam de lado possibilidades que poderiam ser alcançadas através do conhecimento e da escolarização. Isto é,

O ambiente familiar geralmente é descrito como pobre ou precário em termos das condições que oferece ao desenvolvimento psicológico da criança: barulhento, desorganizado, superpopuloso e austero, são termos frequentes usados para qualificá-los. Além disso, é constante a referência à falta de artefatos culturais, e de estímulos, perceptivos que favoreçam o desenvolvimento da prontidão para a aprendizagem escolar, destacando-se a pobreza e a desorganização dos estímulos sensoriais presentes (PATTO, 1997, p. 260).

É possível observar através do documentário, o quão forte é a autodepreciação quando versa sobre a busca do conhecimento pelas famílias menos favorecidas. A presença de um discurso negativo, onde frases como: “*pobre não tem o de direito estudar*”, “*por que meu filho tem que estudar, se ele vai trabalhar na roça*”, “*filho vai morrer de tanto estudar*”, representam o pensamento de pais, cujo analfabetismo não foi superado. Algumas vezes, a escola entra nas famílias contrariando pais e responsáveis, como forma de garantir aos filhos/as o direito à educação.

Para Asbahr e Lopes, com base nos estudos de Patto, tal ideia se difundiu no Brasil a partir do século XIX, com a propagação do conceito de fracasso escolar utilizado para descrever a carência cultural apresentada por pobres e negros, e ainda se faz presente na educação atual,

Apesar das críticas radicais a concepção de fracasso escolar que se apóia no preconceito contra pobres e negros trazido pelas chamadas “teorias raciais” do século XIX, e que chegaram ao Brasil no fim do Império, essa idéia continua fortemente presente no dia-a-dia das escolas, na mente de professores, pais e até mesmo dos próprios alunos. Para isso contribuiu uma versão mais sutil do racismo científico: a chamada “teoria da carência cultural”, produzida nos Estados Unidos nos anos 60 e 70, em resposta aos movimentos reivindicatórios

das minorias norte-americanas e muito bem recebida no Brasil, a partir dos anos 70. Elaborada no país que têm a mobilidade social e a igualdade de oportunidades como princípios, mas que não consegue garantir igual acesso e permanência na escola a todos, tal teoria buscou justificar a inferioridade escolar e profissional a que está condenada grande parcela da população negra (ASBAHR, LOPES, 2006, p. 59-60).

Ou seja, é sabido que não se superou a ideia equivocada de localizar no sujeito a falta de sucesso escolar, de justificar nele/a a falta de oportunidades, e o modelo de educação voltado para o trabalho. O documentário retrata que a grande parte dos discursos apresentados, atrela a evasão e o fracasso escolar devido a necessidade de se trabalhar, e responsabiliza os estudantes quanto ao baixo rendimento. Mas, é possível perceber que ainda podemos lutar por uma educação de qualidade para todas/os. O professor Rudinei da Silva dá um relato emocionante que pode ser um caminho a ser seguido,

*Neste dá visto no caderno, teve um dia que esse aluno chegou com o caderno pra eu dar visto! E o caderno estava sujo com terra, café meio que derramado em cima! Uma situação assim que você olha e fica até assim meio que com nojo, de pegar naquele caderno! Vou pegar e dar visto! Eu lembro que eu fui muito duro com esse aluno, dono do caderno. Anos atrás o bairro não tinha asfalto era tudo chão de terra batida, ruazinhas apertadas, eu fui costurando pelo bairro passando por esgoto a céu aberto, né? uma situação assim, muito precária! Quando cheguei na casa desse aluno, daí vi uma senhora com um neném no colo, mais outras crianças menores agarrados na saia, falei assim, sou o Rudinei, aí ela falou assim: Ah você é o professor de matemática! E na hora eu já fiquei, assim né! Poxa ela sabe quem eu sou, aí a mãe chamou pra entrar, tomar um café e mostrou a casa deles, era uma casa muito humilde, era um quadrado com parede de madeira, forro de papelão, uma pilha de colchão no canto, um fogãozinho no chão pra poder cozinhar. O meu filho, ele gosta muito de matemática, ele é assim apaixonado por essa área, ele faz a atividade dele aqui nesse cantinho, ele deita no chão pega o caderno, o café e o pão e faz a atividade ali nesse canto. Ela contava com detalhes, que assim que eu comecei a voltar um pouquinho e imaginar o que eu fiz na sala de aula, e isso me deixou, assim, muito chateado na época, comigo mesmo. A compreensão que os nossos alunos, eles tem uma bagagem, antes de vir pra escola, que eu acho que é importante para qualquer professor conseguir a partir daí ensinar ou transmitir algo de novo, pra essa pessoa” (SILVA, 2017).*

O relato acima me fez lembrar de alguns estudos realizados ao longo da graduação. Constantemente refletimos sobre o nosso olhar como futuras pedagogas, sobre como perceber as realidades que iremos encontrar nas salas de aula, que não devemos estar alheios as restrições geradas pelas condições de vida de nossos/as estudantes. No caso da experiência descrita pelo professor Rudinei, esse foi capaz de fazer uma autocrítica, haja vista que o mesmo não se atentava para as possíveis dificuldades dos/as estudantes.

### 3.5 Grades

*“A arquitetura é um caixão, ela não dialoga, você entra dentro de uma escola parece um presídio, é um presídio com grades, grades nas portas e a grade curricular, é tudo grade!”*  
(Alenberg Quidins, *Músico*, 2017)

O músico Quidins apresenta uma boa metáfora para refletirmos sobre a estrutura arquitetônica e de organização da escola. Patto (1997) se refere à mesma como uma forma rígida e dura de funcionamento, que dificulta o trabalho em virtude da hierarquia imposta, com ordens estabelecidas de cima para baixo. Ou seja, desde as relações entre os estudantes, passando pelos/as professores/as, gestores/as, secretaria de educação, as decisões são estabelecidas por meio de uma política burocrática e sem a participação dos/as envolvidos/as.

A escola é um antro de dependência e isso é visível, em primeiro lugar na estrutura administrativa vertical do sistema educacional; há uma sucessão de hierarquias superpostas — desde o ministro e os funcionários até o docente e o aluno na classe, passando por supervisores, secretários, diretores etc. — na qual as decisões e as ordens provêm dos escalões superiores, e seguem um percurso descendente sem possibilidade de discussão ou replica (PATTO, 1997, p. 389).

Também sobre um caráter higienista, como aborda a autora, nos estudos citados por Asbahr e Lopes, inicialmente a educação era vista:

Com a idéia da regeneração, a educação passou a ser vista como a redentora, a salvação do Brasil mestiço. Surgiram os primeiros especialistas em educação, preocupados com a higienização física e mental da infância, na tentativa de possibilitar a formação de indivíduos normais. Normal era o indivíduo fisicamente sadio, obediente, trabalhador, colaborador – aquele que se ajustava ao sistema (2009, p. 54).

Dentro desse pressuposto, surge a escola dual, que dividiu ricos e pobres por meio dos chamados testes de aptidão e inteligência, utilizados para justificar as diferenças sociais (ASBAHR, LOPES, 2009). Os testes contribuíram para a exclusão dos/as estudantes e criaram grades invisíveis dentro dos sistemas de ensino, sendo assim ampliaram os rótulos designados aos estudantes denominados de fracasso escolar.

Apesar dos estudos e críticas que denunciaram a perspectiva descrita, ainda nos deparamos com a mesma realidade. Há uma diferença importante ao se pensar a escola frequentada pelos/as filhos/as da classe dominante e a escola frequentada pelos/as filhos/as dos/as trabalhadores/as, ainda se observa os meios pelos quais se criam grades para manter estudantes fora da escola, ou dentro da sala de aula, mas fora do percurso de aprendizagem.

Dito isso, é possível reafirmar que o fracasso escolar segue presente por meio do estereótipo que o/a professor/a e a escola colocam no/a estudante, e que o classifica na sala de aula e na escola. Retomando o conceito de profecia autorrealizadora, para Patto sua superação

dependeria:

[...] de uma mudança de olhar: ao invés de justificá-lo pelas carências das crianças (o que ele não sabe, as habilidades que ela não tem, sua condição de carência global, enfim), assumí-lo mais, diz respeito a um direito fundamental do ser humano: o direito de aprender, o direito ao ensino, o direito ao acesso aos bens culturais (PATTO, 1997, p. 238).

A autora salienta que se buscam, ainda, justificativas a cerca do fracasso escolar, e se discute um problema que possui um enfoque social e coletivo, localizando as falhas da criança no plano individual. Para Patto, o fracasso como um problema da escola, precisa ser enfrentado coletivamente, por meio de políticas educacionais, e de transformação do cotidiano escolar (PATTO, 1997).

Independente dos espaços sociais (escolas públicas ou privadas) ou da formação dos/as professores/as, é comum nos depararmos com diversos Patriks e Marias<sup>8</sup> dentro das escolas; salvo situações em que suas trajetórias ganharam um novo rumo, conseguem conquistar o esperado sucesso escolar, e superar a carga emocional adquirida por meio de uma profecia incapacitante. Esta superação está presente no discurso da estudante Mel Duarte. Ao relatar sua história de vida, parecia não possuir expectativa alguma, e quando a mesma recebe um incentivo de uma de suas professoras, internaliza algo como uma possibilidade real, até então inalcançável, se dispõe a buscar os seus sonhos, e supera o que parecia estar dado pelas condições que vivia. Para esta estudante, a professora lhe apresentou uma outra visão possível para o seu futuro, um impulso para seguir na busca de seu sonho.

O documentário nos mostra diferentes olhares sobre o papel da escola, assim como as atribuições dos/as professores/as que a ela pertencem. Nele é evidenciado dois tipos de narrativas. Um primeiro grupo de falas apresenta professores/as preocupados/as com a educação e o futuro de seus estudantes, fazem críticas às grades dentro das instituições de ensino, às dificuldades no trabalho pedagógico, assim como ao currículo com atribuições que não condizem com as realidades das escolas.

E o segundo grupo de falas, expressam como os/as estudantes olham e fazem a crítica aos professores/as: *“Tem professores que entram dentro da sala, e que não dão nem bom dia! Entram e já passam a matéria! E dane-se pra você, eles não estão nem ligando! Eu acho que o professor ali ele tem que ter... Ele tem que estar instigado para dar aula [...] Por que ele*

---

<sup>8</sup> Tema tratado no documentário “Que letra é essa?”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtyL4NEEIEE>

*foi fazer faculdade para dar aula? Por que ele foi querer dar aula pra pessoas, se ele não quer nem olhar na cara dela? (Luana Barbosa, estudante, 2017).*

Na fala da estudante Luana, não está presente apenas a dificuldade encontrada por professores/as que encontram estudantes desmotivados/as. A estudante fala sobre o “*outro lado da moeda*”, como sugere o ditado popular. O documentário aborda por inúmeras vezes, que a desmotivação descrita por professores/as, também é resultado de processos formativos de pouca qualidade, e aligeirados por meio de graduações a distância, marcadas, portanto, por outras variáveis para além do/a estudante, e as condições precárias de trabalho, de salário e de carreira.

### 3.6 Utopia

Alguns jovens quando frequentam as escolas já trazem os seus sonhos, e enxergam ali, a possibilidade para concretizá-los. Outros/as, muitas vezes por descrença de suas famílias, se deparam com a ausência de projetos futuros. É por meio do incentivo de alguns professores/as que estudantes conseguem criar outro caminho para sua história. Como é possível perceber na fala do professor Patrício, “*Diante da impossibilidade, você para a tua ação, você cessa. Diante da utopia, a impossibilidade não é motivo pra você parar! Você continua seguindo! Por isso que o homem conseguiu fazer uma máquina mais pesada que o ar, e voar! Por quê? Por que não era impossível, era apenas utópico*” (Patrício Oliveira, professor, 2007).

Por utopia<sup>9</sup> se descreve o movimento utópico, os sonhos que até então se encontravam apenas no mundo das ideias, como, por exemplo, o sonho de **possuir escolas que não tenham dificuldades no âmbito estrutural, escolas que dialoguem com a sociedade, que não sejam esquecidas, estudantes que sejam a diferença, bem como governantes preocupados com os problemas educacionais (grifos da pesquisadora)**, esses são alguns dos sonhos representados através das vozes pulsantes dos/as estudantes, ou então, dos discursos de professores/as que não querem ver seus/suas estudantes desistindo dos seus sonhos. São inúmeras as realidades representadas, inúmeros, também, são os aspectos envolvidos para justificar a não realização do sonho. O cenário mais frequente recai para discursos onde a família culpabiliza a escola, e a escola culpabiliza as famílias e os/as

---

<sup>9</sup> Por Utopia (*Gr ou+gr tópos+ia*) *sf* **1** Irreal, o que está fora da realidade. **2** Plano ou sonho irrealizável. **3** Fantasia ou quimera. In.: MICHAELIS. Dicionário prático da Língua Portuguesa. 2º Ed. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 2009.

estudantes, mas ambas possuem responsabilidades sobre o futuro dessas crianças e jovens.

A utopia poderia ser uma espécie de “alimento” apresentado diariamente aos estudantes através de seus/suas professores/as, até que os/as próprios/as estudantes tivessem de posse dos seus sonhos, confirmando o que fora descrito no documentário: “[...] *até a pior das escolas, salva muitas vidas*”; ou possibilitar um reset para se começar um sonho novo, com mais possibilidades e menos restrições. As falas mais recorrentes expõem, também, que até no momento em que o sonho já estava perdido, o/a professor/a apareceu como um grande incentivador: “*vamos você consegue chegar lá, não desista*”, fala que é primordial para construir um caminho de superação.

### 3.7 Orquestra

*“Nós temos sim, muita coisa boa em uma escola pública! Que poderia ser melhor socializado, oferecido pra reflexão de outros professores, não é para ser imitado, mas é para servir de estímulo! Para servir de inspiração! Agora, a grande maioria das escolas, infelizmente, elas funcionam num diapasão de burocracia e de uma certa acomodação”.*(Bernardette Gatti, Pedagoga, Doutora em Psicologia, 2017)

A partir da narrativa de Bernardette que se junta à fala de Naiara “*Prefiro mil vezes, ficar na escola o dia todo, do que ir pra orla ou shopping!*” (Naiara Ferreira, Estudante, 2007), reafirmamos o papel da escola como o lugar que tem muito a oferecer para as futuras gerações. É constituída por diversos profissionais no campo da educação, e cada um é capaz de deixar sua marca, como o preconizado por Leite e Tagliaferro ao descreverem sobre o professor inesquecível. Como aquele/a professor/a capaz de deixar marcas que perpassarão ao longo da trajetória escolar, que serão alicerces para a vida, fontes de inspiração aos jovens e futuros/as profissionais.

Apesar de toda adversidade vivida na escola, como a falta de materiais, estrutura inadequada, condições de trabalho precárias, ainda é possível encontrar profissionais que buscam o melhor meio de ensinar dentro das possibilidades que contam; como expresso na fala dos estudantes “[...] *É o professor que faz a aula e é apenas ele que pode marcar a vida do estudante!*” “*Podemos falar daqui a uns 10 anos sobre os conteúdos que aprendemos agora e lembrar, eu tive um professor que falou sobre isso!*”(Gabriel Ferreira/Igor Veríssimo. 2017).

O que significa dizer, também, que quanto maior o vínculo afetivo envolvendo estudantes e professores/as, maior é a possibilidade de criar espaços de aprendizagens mais profícuos e motivadores. Ainda sobre a relação estudante e professor/a, Leite e Tagliaferro

(2005) defendem que nessa relação, o olhar deve compreender outras dimensões presentes na vida da criança e do/a adolescente, e considerar esses aspectos no trabalho pedagógico que se desenvolve na sala de aula.

Fazendo referência a metáfora da “orquestra”, é como se todos/as integrantes que fazem parte da escola são parte de um importante conjunto, quanto mais afinado estiverem os seus membros, melhor será o resultado pretendido. Como o que pode ser visualizado nas palavras do diretor da escola, o professor André Luis dos Santos Barroso, ao expor as dificuldades que sua escola apresentava com os chamados estudantes problemas, e que se referiam os/as estudantes que frequentam as instituições de ensino, porém, não se reconheciam como parte da escola, os ditos indisciplinados, descomprometidos, etc.

Quando o diretor da escola assume a direção da orquestra, novas perspectivas educacionais são construídas. Assim expressou o professor e diretor André Barroso:

*Cara eu tenho que pegar aquela galera que era a pior que tinha na escola, rendimento baixíssimo, disciplina zero, agressividade, quebrava bomba no banheiro. Eu falei: eu quero esses 17 comigo! Falei gente, veem cá, eu quero conversar com vocês! Levei os 17 pra biblioteca, falei: olha só! Eu conheço um amigo que tem um CT, um Centro de Treinamento de Esportes em Guaratiba, ele quer realizar um torneio e ele quer um time da escola! E vocês são o meu time! E eles: mas como assim! Vocês são o time da escola, vocês aí não jogam bola? São fera, e [...] não tem treino não tem nada, é sábado agora, vamos vestir a camisa e vamos embora! Peguei o ônibus de um amigo e falei: me empresta o ônibus? Se um dia eu tiver dinheiro eu te pago! Ele trouxe o ônibus, botei lanche no ônibus e no sábado levei eles para o Guaratiba! O futebol rolando e eles falaram caraca! Com o campo oficial, tudo bonito, aí jogaram bola, perderam, aí foram pro vestiário, derrotados. Aí eu cheguei devagar no vestiário! Eles caraca! A conversa deles: Decepcionamos o diretor, a gente falou que ia ganhar, viemos aqui, o diretor acreditou na gente e a gente perdeu! Aí eu entrei. Falei pra eles: Ninguém perdeu aqui! Todo mundo ganhou, vocês continuam sendo a equipe da escola. Agora a gente vai começar a treinar! E eu quero falar pra vocês o seguinte: vocês perderam por quê? Por que vocês, não estudaram. Por que qual é o resultado de um bom jogo? Quem é que ganha o jogo? É quem treina mais, esses moleques com quem vocês jogaram, treinam todos os dias! Todo dia eles estão treinando. Então vocês começarão agora a treinar, pra gente poder ganhar. Naquele dia à noite o Guilherme falou assim: caraca ninguém nunca acreditou em mim, como o André acreditou! E dali pra cá, esses moleques 60% deles passaram de ano, 40, 20% estão em dependência em uma disciplina, e os outros 20% foram reprovados por que tinham que ficar! Não queria salvar o mundo e nem vou conseguir e nem é a minha pretensão, mas eles perceberam que eles mudaram de vida e alguém acreditou neles. Foi a deixa pra eles mudarem, esses moleques estão na escola, são os mesmos que não depredam a escola, eles ajudam a escola, semana passada eu estava pintando a sala. Eu pintando a sala, um deles veio e pediu professor, quer que a gente ajude, aí vieram para ajudar a pintar a sala. Então o rendimento está ligado diretamente à gestão, e está ligado diretamente a como você trata o aluno!”(André Luis dos Santos Barroso, Diretor, 2017).*

Nesse relato é perceptível a mudança de olhar. Ao fazer um convite e uma aposta ao grupo já estigmatizado, o diretor expressa o seu não abandono aos estudantes, os desafia a



ocupar um lugar diferente e compor um time, e para vencer cada um teria que fazer a sua parte na orquestra.

### 3.8 Tâmaras

*Tem espécies de vegetais que se plantam hoje, como as tâmaras, e só vão ser colhidos os frutos dela cem anos depois. Você planta, mas você não colhe, alguém vai colher, mas é importante que você plante!*  
(Odimar de Carmo Mel, Professor, 2017).

A expressão do professor Odimar aponta para a necessidade de seguirmos “plantando” uma educação de qualidade, talvez, também não seremos nós, os que colherão os frutos, mas precisamos seguir semeando da melhor forma que conseguirmos para que nossas crianças e adolescentes possam ter seus sonhos revigorados na certeza de que é possível sonhar e realizar seus sonhos, ainda que tenham crescido em meio a cenários de desesperança.

Na fala dos/as professores/as e gestores/as que participaram do documentário, é possível perceber a busca pela mudança. Segundo eles/as espera-se que as novas gerações trabalhem para se chegar a ela, se buscam professores/as com o olhar sensível e capaz de fazer a diferença, da mesma forma se espera que os/as estudantes superem as profecias que lhes foram profetizadas em um anúncio de um futuro pouco promissor, e por meio destas, mostrar as próximas gerações com realidades semelhantes de que sonhar é importante e possível de se realizar, sim!

Em síntese, “*Nunca me sonharam*” nos coloca frente a frente com as preocupações de adolescentes e jovens entre 15 a 28 anos de idade, de diferentes contextos sociais, seus sonhos sobre o futuro, os problemas vivenciados diariamente, seus medos e expectativas, apresenta muitas falas que talvez encontre eco em alguns de nós, nos auxilia a refletir sobre os conceitos de estigma e profecia autorrealizadora, produz sentido a ideia de plantarmos os frutos da “tâmara”, mesmo que serão outras gerações a fazer a colheita, alguém precisa plantar...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No retorno aos objetivos colocados neste estudo, bem como nas inquietações que foram mobilizadas no início do tema, posso afirmar que importantes reflexões teóricas e afetivas se deram, e seguirão comigo para sempre como parte do meu legado como futura professora.

Buscando analisar o documentário *Nunca me Sonharam*, a partir dos conceitos de profecia autorrealizadora e estigma, foi realizado um aprofundamento na literatura sobre os mesmos, bem como relacionado alguns aspectos da relação professor/a e estudante e sua influência nas trajetórias de pouco sucesso na escola. Os textos bibliográficos de Maria Helena Souza Patto e de Erving Goffman possibilitaram análise e reflexões sínteses nas narrativas apresentadas no documentário.

A partir de alguns diálogos, jovens, professores/as e gestores/as compartilharam seus anseios e seus sonhos. A escola foi apresentada na sua contradição, isto é, como um espaço que produz estigma e exclusão, mas também como um caminho possível para se produzir as mudanças desejadas. Nos diferentes contextos e estados da federação, as escolas públicas mostram as semelhanças no seu cotidiano, desde São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Piauí.

Portanto, para aprofundar a compreensão do tema busquei trilhar caminhos alternando textos bibliográficos e estudo de caso por meio do documentário, na tentativa de compreender as relações que permeiam os espaços educativos em relação à disseminação de estigmas, como um aspecto negativo para se referir a sujeitos distintos, e sua desconstrução, assim como uma melhor apropriação do conceito de profecia autorrealizadora, e sua importância para se compreender os/as estudantes pertencentes aos grupos estigmatizados.

A partir dos referidos autores, tive acesso aos saberes necessários para defender a ideia de que até mesmo a pior das profecias pode ser superada quando contam com outras mediações, e, efetivamente, de que forma a escola contribui para a construção de estudantes desmotivados. Ou seja, tanto os/as estudantes, quanto os adultos que fazem ou fizeram parte de alguma profecia (positiva ou negativa), podem modificar e são modificados na sua constituição de sujeito, e podem passar a acreditar na sua superação.

No decorrer da pesquisa foi perceptível o quão importante este trabalho foi para compreender as condições que produzem estudantes sem perspectiva, bem como as condições que o levariam mais facilmente a superar o chamado fracasso escolar, e a profecia autorrealizável; assim como as contribuições significativas quando se estabelece relações afetivas e de cuidado entre estudantes e professores/as no espaço escolar, sua importância na

aprendizagem e no desenvolvimento dos mesmos.

Por fim, apesar do cenário às vezes pouco animador, levo deste estudo a necessidade de seguir o sonho. Talvez em alguns casos, a necessidade de ensinar crianças e adolescentes a sonharem, a trazerem para perto sua utopia, por mais impossível que lhe pareça realizar, ou quem sabe ainda, de recordar a outros/as estudantes do sonho que perderam no caminho pela ausência de palavras encorajadoras ou por ausência de sentido nos estudos realizados, posso compartilhar também, a experiência de quem viveu na pele o impacto de ter escutado de sua professora de que no meu roteiro de vida, restaria ser agricultora como os meus pais. Em síntese, arrisco a dizer que nesse ponto reside a importante superação vivida no meu processo de formação. Hoje revisitar as dores do passado em diversas situações que trouxeram para perto o peso de um estigma e de uma profecia incapacitante, no lugar do medo e da paralisia antes sentida, meu corpo experimenta coragem e vontade aumentada de seguir...

## REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; LOPES, Juliana Silva. "A culpa é sua". **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 53-73, março de 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 09 de março de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642006000100005>.

BARRETO, Sandra Regina Coimbra Mena. Do Saber De quem Se diz não saber- A escola e o desenho escolar na concepção da criança multirepetente. Florianópolis, SC, ed. UFSC, 2000.

BRITTO, Vera Maria Vedovelo de; LOMONACO, José Fernando Bitencourt. Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. **Psicol. prof.** Brasília, v. 3, n. 2, p. 59-79, 1983. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931983000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100005&lng=en&nrm=iso). acesso em 14 de abril de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931983000100005>.

Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais> Acesso em 06 de abril de 2018.

Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206). Acesso em 06 de abril de 2018.

Disponível em: <http://googleweblight.com/i?u=http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2335/2316&hl=pt-BR&tg=187&tk=18031215941691395315> último acesso em: 13/05/2018.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtyL4NEEIEE>

GIACOMELLI, Edir Maria Schneider. O papel do pedagogo(a) nos documentos da política educacional Brasileira. Florianópolis, SC, ed. UFSC, 2016, p. 73.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: professor inesquecível. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 247-260, dezembro de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=pt\\_BR&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=pt_BR&nrm=iso)>. acesso em 09 de março de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572005000200007>.

LONGEN, Josiane. O exercício da Docência: Reflexões sobre o fracasso na escola. Florianópolis, SC, ed. UFSC, 2014, p. 37.

MICHAELIS. Dicionário prático da língua portuguesa. 2º Ed. São Paulo. ed. Melhoramentos,

2009.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Desenvolvimento e aprendizagem: reflexões sobre suas relações e implicações para a prática docente. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 5, n. 2, p. 61-70, 1998 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73131998000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73131998000200006&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73131998000200006>

MERTON, ROBERT K. Social theory end social structure . New York. p. 477. (1968).

PATTO, Maria Helena Sousa. Introdução à psicologia escolar. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

TACCA, Maria Carmem V.R. Professores e suas crenças e a possibilidade de sucesso de seus alunos. 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. “Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo”. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p.175.

PEREIRA, Beatriz Garcia. A afetividade no desenvolvimento infantil: contribuições de Wallon. Florianópolis, SC, ed. UFSC, 2017, p. 118.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis, RJ. 12 ed. Ed Vozes. 2001, p. 37-83.

RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa como ensino. Textos de apoio. Propostas de trabalho. Belo horizonte. ed. Autêntica, 2007, p. 15-63.

